

# O DISCURSO POLITICAMENTE CORRETO EM ESTUDOS INTERGERACIONAIS

## Uma abordagem metodológica

*Thais Debli Libardoni<sup>1</sup>,  
Adriana Portella<sup>2</sup> e Lígia Maria Ávila Chiarelli<sup>3</sup>*

### Resumo

Politicamente Correto é uma prática discursiva que visa conter publicamente pensamentos considerados preconceituosos sem, no entanto, enfraquecer o preconceito em si. Ao conter a real opinião do emissor, o Politicamente Correto pode interferir em metodologias baseadas na percepção do usuário, induzindo a respostas socialmente convenientes. Entretanto, a influência do ageísmo e do Politicamente Correto em estudos intergeracionais de Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário é pouco explorada. Esse estudo busca prover embasamento para a escolha e dosimetria de abordagem a temáticas passíveis do uso do Politicamente Correto em estudos de análise quantitativa. Questionários foram aplicados na cidade de Pelotas, comparando o desempenho de três formulações distintas de questões fechadas de múltipla escolha, que refletem três níveis de sensibilidade na abordagem ao tema. O estudo sugere significativas diferenças nos resultados de pesquisas que abordam o preconceito devido à mudança do grau de sensibilidade empregado na formulação das questões fechadas.

Palavras-chave: ageísmo, percepção do usuário, politicamente correto, relações intergeracionais.

# THE POLITICALLY CORRECT DISCOURSE IN INTERGENERATIONAL STUDIES

## A methodological approach

### Abstract

Politically Correct is a discursive practice that aims to contain thoughts considered prejudiced without, however, weakening the prejudice itself. By containing the issuer's real opinion, the Politically Correct discourse can interfere with methodologies based on the user's perception, inducing socially convenient responses. However, the influence of ageism and Politically Correct discourse in intergenerational studies of Perception and Assessment of the Environment by the User is little explored. This study aims to

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista formada pela Universidade Federal de Pelotas (2010), é mestra em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (2018) na linha de pesquisa da Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário.

<sup>2</sup> Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University (Inglaterra) com pós-doutorado em Planejamento Urbano pela University College London (Inglaterra). Mestra em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas. Docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

<sup>3</sup> Arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), é Mestra em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas (2000), Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). É professora associada, aposentada, na Universidade Federal de Pelotas.

provide a basis for the choice and dosimetry of approach to themes that may be target of the Politically Correct in quantitative analysis studies. Questionnaires were applied in the city of Pelotas, comparing the performance of three different formulations of multiple choice questions, which reflect three levels of sensitivity in approaching the theme. The study suggests significant differences in research results that addresses prejudice due to the change in the degree of sensitivity employed in formulating closed questions.

Keywords: ageism, user perception, politically correct discourse, intergenerational relations.

### Introdução

O envelhecimento populacional é um fenômeno mundial que vem ocorrendo devido à queda da fertilidade e ao aumento da expectativa de vida. Em 2018, pela primeira vez na história, o número de pessoas com 65 anos ou mais superou o número de crianças abaixo de 5 anos de idade globalmente (UN, 2019). No Brasil, a expectativa de vida em 2018 alcançou os 76,3 anos, crescendo em relação aos anos anteriores (IBGE, 2019). Este cenário destaca a necessidade de estudos sobre o envelhecimento, como o que pauta este artigo<sup>4</sup>.

O entendimento do conceito de envelhecimento varia muito entre os diversos autores da gerontologia. Desde os anos 1960, o conceito de envelhecimento sofre constante evolução na literatura. Foi só no fim dos anos 90 que a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a empregar o termo Envelhecimento Ativo, com um entendimento mais amplo do envelhecimento. O termo refere-se não apenas às mudanças físicas que ocorrem nos indivíduos ao longo do tempo, mas principalmente à sua participação nos mais diversos campos: social, econômico, cultural, espiritual, cívico e também a outros fatores que afetam o processo do envelhecimento (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2002). O Envelhecimento Ativo, entendido como o “processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (WHO, 2005, p. 13), reflete um novo perfil idoso, que busca participação, qualidade de vida e sentir-se inserido na sociedade.

O processo de envelhecimento não ocorre de forma idêntica para todas as pessoas, por isso, para classificar os indivíduos normalmente utiliza-se a idade funcional, aquela que considera “a capacidade de uma pessoa interagir em um ambiente físico e social em comparação com outros da mesma idade cronológica” (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p. 574). Assim, pode-se dizer que há um idoso jovem, aquele que é ativo e saudável e um idoso longo, aquele que possui certas limitações de ordem física e/ou psicológica.

Alguns autores salientam, inclusive, certas semelhanças entre os grupos etários idoso e jovem (LAYNE, 2009). Ambos representam fases de transição etária, o que destaca necessidades psicológicas básicas como autoestima, confiança e identidade própria. Entretanto, para suprir essas necessidades, há pelo menos uma diferença: jovens buscam desenvolver habilidades físicas, psicológicas e sociais, que vão fazer parte da sua identidade e idosos se empenham em manter estas mesmas habilidades para que sua identidade seja preservada num contexto de grandes mudanças (LAYNE, 2009; LIBARDONI, 2018). A hipótese intergeracional, base para diversos estudos, sugere que

<sup>4</sup> Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal de Pelotas, intitulada “Relações Intergeracionais & Espaços Públicos Urbanos: Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas” (LIBARDONI, 2018).

por “enfrentarem estágios de desenvolvimento similares e possuem necessidades físicas e psicológicas associadas (...) [jovens e idosos] buscam benefícios de qualidade de vida comparáveis” (LAYNE, 2009)<sup>5</sup>.

Iniciados nos anos 1940, os Estudos Intergeracionais (OLIVEIRA, 2011), abordam relações entre gerações em diversos arranjos etários e contextos (VANDERBECK; WORTH, 2015). No início do século XXI, a prática intergeracional passou a ser vista como estímulo à vida e potencialidade dos espaços urbanos. A intergeracionalidade é vinculada à democracia, ao direito à participação ativa e inclusão na sociedade e por todas as idades e lida com tensões entre gerações (MELVILLE; HATTON-YEO, 2015). Em 2007, os conceitos do Envelhecimento Ativo e das Práticas Intergeracionais uniram-se no Guia Global das Cidades Amigas do Envelhecimento, documento resultante de evento internacional promovido pela OMS (2009). Alguns autores também tratam do potencial da aproximação entre diferentes gerações para minimizar o ageísmo (O’SULLIVAN; MULGAN; VASCONCELOS, 2010).

O ageísmo surge como um contraponto às relações intergeracionais. Em 1969, o conceito de ageísmo foi introduzido por Butler (1969, p. 243) como “preconceito por um grupo etário em relação a outros grupos etários”, tratando da discriminação contra idosos e jovens e da “aversão pelo envelhecimento, doença, incapacidade; e medo de impotência, ‘inutilidade’ e morte”. Assim, o ageísmo categoriza todo idoso como “senil, rígido em pensamentos e maneiras e antiquado em moralidade e habilidades” (BUTLER, 2006, p. 41), desconsiderando individualidades. Da mesma forma que os outros tipos de preconceito, o ageísmo pode ser objeto do Politicamente Correto. Nesse sentido, Moderno (2004, p. 79) adverte que “Velhice é uma palavra detestada pela onda politicamente correta, que prefere os eufemismos a chamar as coisas pelo nome”.

Enquanto prática discursiva, o Politicamente Correto reflete um momento histórico específico, começando a se disseminar nos Estados Unidos a partir da década de 80. Segundo Borges (1996), a prática é caracterizada pela utilização de um conjunto de normas baseadas na dicotomia moral de certo/errado, de forma que se configura como um código de postura e ética linguístico. O autor aponta duas vertentes do Politicamente Correto:

a) (...) guia orientador quanto à forma de conter publicamente hábitos que possam ser considerados preconceituosos, b) (...) parâmetro (um cânone) censório, na medida em que faz uso de pressão social para enquadrar, em posição de opróbrio, os que incorrem em atitudes atentatórias ao que se auto-legimita como politicamente correto. (BORGES, 1996, p. 109).

Borges (1996, p.110) ainda destaca diferentes formas de interpretação do Politicamente Correto:

a) reação política (ecológica) para proteger o direito daqueles que historicamente vêm sendo discriminados por segmentos de maior poder; b) modismo típico dos anos 80/90; c) prática censória que põe em evidência comportamentos socialmente reprováveis; d) ética que se constitui a partir da insistência quanto à reformulação da linguagem, coibindo certas expressões de nomeação, literais ou

<sup>5</sup> Tradução livre da autora: “facing similar developmental stages and having the same associated physical and psychological necessities, the two age groups seek comparable quality of life benefits”.

metafóricas, dadas como discriminatórias (...), e proscrevendo piadas sexistas ou étnicas, etc.

Entretanto, a simples substituição de termos, - e como pode-se acrescentar aqui, a supressão intencional de formas de pensamento no discurso – sem efetivamente alterar a “arquitetura discursiva que sustenta seu sentido”, não altera seu significado construído através de valores individuais relativos ao tema abordado (BORGES, 1996) e, segundo Possenti (1995), não diminui o preconceito do emissor. A eficácia discursiva em evitar o considerado “incorreto” em nada altera e, por vezes, esconde os reais preconceitos que o emissor se recusa a expor.

Todos os grupos sociais e, principalmente, as minorias estereotipadas e discriminadas podem vir a ser alvo dessa prática linguística (POSSENTI, 1995), que também é considerada por alguns autores como um tipo de intolerância (PIASECKA-TILL, 2010).

Como forma de conter publicamente - e superficialmente - a real opinião do emissor, o discurso Politicamente Correto pode interferir na aplicação de metodologias baseadas na percepção do usuário. A própria natureza do conteúdo pode induzir a uma resposta socialmente conveniente (PORTO, 1999). Em seu estudo sobre gênero, Dinis; Cavalcanti (2008, p. 99), identificam um discurso Politicamente Correto ainda que sem “mudança significativa das concepções binaristas e excludentes” dos participantes. Nesse sentido, os autores fazem uma diferenciação clara dos planos prático e teórico em respostas a questões abertas e fechadas de questionários.

Outros autores como Bugental; Hehman (2007, p. 182) descrevem duas formas distintas de avaliar a manifestação do ageísmo, através de medidas: (i) “explícitas (refletindo respostas deliberativas, controladas e conscientes)”; e (ii) “implícitas (refletindo respostas automáticas, incontroláveis e, às vezes, inconscientes)”<sup>6</sup>. Nesse sentido, os autores salientam a maior confiabilidade das medidas implícitas, devido à menor propensão em manifestar esforços para retratar o socialmente aceitável.

Bugental; Hehman (2007) citam os estudos de Dasgupta; Greenwald (2001) e Jelenec; Steffens (2002) que usam o Teste de Associação Implícita (Implicit Association Test - IAT) adaptado para fornecer uma medida implícita do ageísmo. Os estudos mostraram mais resultados negativos direcionados a adultos mais velhos do que a adultos mais jovens, tanto dos participantes mais velhos quanto dos mais jovens. Os resultados discordam daqueles obtidos através de medidas explícitas.

De forma semelhante, o estudo de Castelli; Zecchini; Deamicis; Sherman (2005) mostra inconsistências entre respostas obtidas através de métodos implícitos e explícitos. A importância destes achados é refletida no estudo de Cesario; Plaks; Higgins (2006) que concluíram que atitudes implícitas estão mais fortemente ligadas ao comportamento do que atitudes explícitas.

Mais recentemente, Mattos (2017, p. 548), em estudo intergeracional sobre conflitos etários no ambiente escolar, detectou que as falas dos respondentes tendiam a iniciar com uma breve afirmação genérica politicamente correta, seguida de um desenvolvimento mais longo do pensamento que refletia preconceitos e estereótipos diversos. Nesse sentido, as frases contraditórias normalmente eram conectadas por conjunções adversativas “sim, todos têm o direito de dar sua opinião / de errar / de

<sup>6</sup> Tradução livre da autora: “explicit measures (reflecting responses that are deliberative, controlled, and conscious)” “implicit (...) (reflecting responses that are automatic, uncontrollable, and sometimes unconscious)”.

fazer suas escolhas, mas...”. Os achados deste estudo podem indicar que respostas mais curtas e objetivas tenham maior capacidade de auxiliar o emissor a se manter socialmente conveniente, sem entretanto, expressar seu verdadeiro posicionamento.

A discussão desses autores leva a inferir que os estudos intergeracionais devem considerar o ageísmo, o discurso Politicamente Correto e seus reflexos. Entretanto, sua influência em resultados obtidos em análises de Percepção e Avaliação do Ambiente pelo Usuário ainda é pouco explorada. Assim, é pertinente compreender como a formulação das perguntas usadas na investigação pode facilitar ou dificultar a repressão do verdadeiro pensamento do respondente. Este estudo busca ajudar a preencher esta lacuna, provendo embasamento para a escolha e dosimetria de questões quantitativas na abordagem a temáticas passíveis do uso do discurso Politicamente Correto.

## Metodologia

A pesquisa original de Libardoni (2018), base deste trabalho, parte de numa perspectiva ecológica, inerente à Psicologia Ambiental, que assume que ambiente e comportamento humano podem influenciar e ser influenciados um pelo outro (GIFFORD; STEG; RESER, 2011). A investigação iniciou com pesquisas bibliográfica e documental, que possibilitaram um estudo exploratório em quatro tipologias distintas de espaços públicos urbanos na cidade de Pelotas: Parque Dom Antônio Zattera, calçadão, Praça Coronel Pedro Osório e Largo do Mercado Público Central. A cidade de Pelotas, situada na metade sul do Estado do Rio Grande do Sul, foi escolhida porque possui amostras semelhantes dos dois grupos etários estudados. Em 2010, havia 328.275 habitantes em Pelotas<sup>7</sup>, sendo que: 54.487 (16,60%) eram jovens (15 a 24 anos) e 49.764 (15,16%) eram idosos (60 anos ou mais) (IBGE, 2010).

A partir dos resultados obtidos no estudo exploratório, desenvolveu-se um estudo de caso nas duas tipologias de destaque para cada um dos grupos sociais: calçadões e praça. Os calçadões das Ruas Andrade Neves e Sete de Setembro se destacaram pela apropriação por idosos e a Praça Coronel Pedro Osório pela apropriação por jovens, ambos com intuito social. A avaliação de Libardoni(2018) e Libardoni; Chiarelli (2019) também mostra o delineamento de microterritórios sociais etários pelos dois grupos. Assim, questionários foram aplicados a usuários jovens e idosos nos dois locais. O que se explora neste estudo são os questionamentos e inquietações que surgiram através da aplicação do método.

O questionário é um dos três métodos de coleta de dados mais utilizados com idosos no Brasil (PEREIRA et al., 2018) e aparece em estudos com foco: intergeracional (LEYSHON; TVERIN, 2015); intergeracional com idosos (LAYNE, 2009; KIM, 2012; HARDILL, 2015; MOSS, 2015; PORTER et al., 2015); em idosos longevos (NAVARRO et al., 2015), etc. Segundo alguns autores, os questionários são capazes de apontar semelhanças e diferenças que não são observadas diretamente pelos pesquisadores (SOMMER; SOMMER, 2002). Como método quantitativo, viabiliza a aplicação em uma grande amostra e a decorrente análise estatística dos dados obtidos. Entretanto, um dos fatores limitadores deste método é que ele normalmente não considera ou pouco considera o contexto das respostas. Um diferencial na metodologia deste estudo é que, quando havia a concordância dos participantes, a aplicação era gravada, gerando análise qualitativa de discurso normalmente não presente em questionários.

<sup>7</sup> Os dados foram atualizados em 2018, na conclusão da pesquisa. População estimada em 2018: 341.648 habitantes. Fonte: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=resultados>>.

Na pesquisa original, o questionário tinha sua estrutura dividida em quatro partes principais, investigando: (1) pessoa; (2) espaço físico; (3) affordances; e (4) perfil demográfico da amostra. A primeira delas buscava traçar o perfil do respondente e investigar sua posição sobre relações intergeracionais. É nesta parte que este artigo se detém, analisando especificamente as respostas a três questões do tipo escala de Likert. Esse tipo de questão apresenta cinco graduações diferentes como proposições de resposta, produzindo uma análise quantitativa dos dados.

Através dessa análise é estabelecida uma comparação de desempenho de três formulações distintas de questões fechadas de múltipla escolha. As três questões analisadas refletem três níveis de sensibilidade na abordagem ao tema:

(i) o participante se posiciona a respeito do tema intergeracionalidade em geral - “Você acha que é importante a convivência entre pessoas de diferentes idades?”;

(ii) o participante se posiciona a respeito do tema intergeracionalidade se colocando dentro de uma situação específica - “Você acha agradável a convivência entre pessoas de diferentes idades nos espaços públicos urbanos?”;

(iii) o participante é levado a avaliar se as experiências intergeracionais anteriores são suficientemente satisfatórias a ponto de se sujeitar a uma nova experiência intergeracional - “Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com JOVENS?” e “Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com IDOSOS?”.

Identificando congruências e discrepâncias em relação às respostas de questões fechadas e abertas espera-se contribuir para que a formulação de perguntas em temas complexos se aproxime mais da intenção do respondente. A seguir, os resultados obtidos são apresentados e discutidos.

## Resultados e discussão

Um total de 63 jovens e 60 idosos respondeu questionários. Em geral, houve uma maior receptividade dos idosos. Na primeira questão analisada, o participante deveria se posicionar sobre intergeracionalidade de forma geral, respondendo: “Você acha que é importante a convivência entre pessoas de diferentes idades?”. As respostas ocorreram conforme a Tabela 1:

**Q1: Você acha que é importante a convivência entre pessoas de diferentes idades?**

	Nada Importante	Pouco Importante	Indiferente	Importante	Muito Importante
<b>JOVENS</b>	-	-	3 (4,76%)	31 (49,21%)	29 (46,03%)
<b>IDOSOS</b>	-	1 (1,67%)	1 (1,67%)	31 (51,67%)	27 (45%)

Os participantes jovens percebem a convivência entre pessoas de diferentes idades como importante (49,21%) e muito importante (46,03%). Os participantes idosos também se dividem entre importante (51,67%) e muito importante (45%). De todos os participantes, sete comentaram suas escolhas, sendo eles três jovens e quatro idosos (Tabela 2):

Tabela 1 - Importância da convivência intergeracional. Fonte: LIBARDONI, 2018, p. 155, adaptada pelas autoras.

Tabela 2 - Justificativa da importância da convivência intergeracional. Fonte: autoras, 2020.

RESPONDENTE	JUSTIFICATIVA
JOVENS	Nº 39 Idosos são mais experientes
	Nº 41 Trocas entre modos de pensar diferentes
	Nº 42 Trocas de experiências
IDOSOS	Nº 48 Importância da união de idosos com outras gerações, mas há idosos que não gostam de ser velhos
	Nº 88 Conhecer pessoas diferentes
	Nº 92 Aprendizado, atualização com os jovens
	Nº 93 Idosos tendem a parar no tempo sem o contato com jovens

Conforme pode-se observar, em geral, a convivência intergeracional é percebida como positiva. Os grupos tendem a perceber a importância das relações intergeracionais e seus ganhos mútuos (LAYNE, 2009). Se fala em tendência devido à complexidade de análise desse tema específico (PORTO, 1999). Destacam-se troca de experiências, aprendizado e atualização, caracterizando o discurso Politicamente Correto. Nesse sentido, Moss (2015) salienta o engajamento intergeracional pela troca de experiências.

Depois, foi pedido aos respondentes que avaliassem a agradabilidade do convívio intergeracional especificamente nos espaços públicos. Assim, o participante precisava se colocar dentro da situação, utilizando experiências anteriores na avaliação para responder: “Você acha agradável a convivência entre pessoas de diferentes idades nos espaços públicos urbanos?”. As respostas ocorreram conforme a Tabela 3:

Q2: Você acha agradável a convivência entre pessoas de diferentes idades nos espaços públicos urbanos?

	Muito Desagradável	Desagradável	Nem agradável nem desagradável	Agradável	Muito Agradável
JOVENS	1 (1,59%)	-	11 (17,46%)	35 (55,56%)	16 (25,40%)
IDOSOS	-	1 (1,67%)	1 (1,67%)	34 (56,67%)	24 (40%)

Os resultados apontam que a maioria dos jovens (55,56%) e dos idosos (56,67%) considera a convivência intergeracional agradável, mas para os jovens a agradabilidade tende a ser um pouco menor do que para os idosos. Com relação à pergunta anterior, percebe-se uma significativa diminuição da frequência dos jovens que responderam no nível cinco da escala (maior agradabilidade). De todos os participantes, apenas três comentaram sua escolha, sendo eles um jovem e dois idosos (Tabela 4):

RESPONDENTE	JUSTIFICATIVA
JOVENS	Nº 39 Depende da pessoa (ideias e conversa) e do lugar
IDOSOS	Nº 88 É costume, sempre há jovens por perto
	Nº 92 Trata todo mundo igual (religião, cor, ...)

Apesar da tendência ao discurso Politicamente Correto, observa-se que um tom condicional começa a ser delineado pelo discurso dos jovens respondentes. Enquanto

Tabela 3 - Agradabilidade da convivência intergeracional. Fonte: LIBARDONI, 2018, p. 156, adaptada pelas autoras.

Tabela 4 - Justificativa da agradável da convivência intergeracional. Fonte: autoras, 2020.

isso, os idosos participantes ainda abordam a convivência intergeracional com certa naturalidade.

Na última questão aqui analisada, o participante foi levado a avaliar se experiências anteriores são satisfatórias a ponto de desejar um novo contato intergeracional, respondendo: “Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com JOVENS?” e “Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com IDOSOS?”. As respostas ocorreram conforme as Tabelas 5 e 6:

Q3: Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com JOVENS?

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
JOVENS	-	4 (6,35%)	12 (19,05%)	30 (47,62%)	17 (26,98%)
IDOSOS	-	7 (13,3%)	14 (26,7%)	32 (53,3%)	7 (13,3%)

Q3.1: Você gostaria de ter mais oportunidades de convivência nos espaços públicos da cidade com IDOSOS?

	Discordo totalmente	Discordo	Nem discordo nem concordo	Concordo	Concordo totalmente
JOVENS	-	-	16 (25,4%)	37 (58,73%)	10 (15,87%)
IDOSOS	-	1 (1,67%)	8 (13,33%)	43 (71,67%)	8 (13,33%)

A tabela aponta que a maioria dos idosos (53,3%) concorda em querer mais oportunidades para conviver com jovens. Além disso, a maioria dos jovens (58,73%) também concorda em querer mais convivência com idosos. No estudo, jovens demonstram mais interesse em relacionar-se com idosos do que o contrário. Em relação à pergunta anterior, há aumento da incidência de respostas neutras “nem discordo e nem concordo”, diminuindo a graduação alcançada na escala. As justificativas foram (Tabela 7):

RESPONDENTE	JUSTIFICATIVA Q3 Convívio com Jovens	JUSTIFICATIVA Q3.1 Convívio com Idosos
JOVENS	Nº 41	Não vê muitos idosos, poderia ter mais
	Nº 42	Já tem oportunidades suficientes
IDOSOS	Nº 47	Se sente bem com jovens
	Nº 48	Jovens fazem pouco caso e deboçam dos idosos
	Nº 88	Jovens pensam diferente dos idosos, não dá certo
	Nº 92	Convive com jovens e se diverte
	Nº 93	Com idosos sim, com jovens não dá certo

No discurso jovem, novamente aparece o tom condicional, atribuindo às atividades disponíveis no ambiente, parte do sucesso e do interesse na socialização com idosos. Já no discurso idoso há maior discrepância com relação à maioria das respostas dadas na escala Likert. É notável que a maior parte das justificativas dos idosos é negativa.

Tabelas 5 e 6 - Grau de concordância com a convivência intergeracional. Fonte: LIBARDONI, 2018, p. 156 e 157, adaptadas pelas autoras.

Tabela 7 - Justificativa do grau de concordância em querer oportunidades de convivência intergeracional. Fonte: autoras, 2020.

Os idosos participantes sentem que a convivência com jovens “não dá certo”, não apenas pela forma diferente de pensar, mas também pela falta de respeito com os mais velhos, caracterizando certo ageísmo. Nesse sentido, destaca-se a mudança de discurso da participante nº 88 com relação às questões anteriores.

O estudo vai ao encontro de Dinis; Cavalcanti (2008) que obtiveram resultados quantitativos (questões fechadas) com respostas tendendo ao discurso Politicamente Correto. Entretanto, na análise do discurso das justificativas (questões abertas), foi detectada a negação da alternativa marcada no questionário. Da mesma forma, os resultados são similares aos obtidos pelo estudo de Porto (1999) que aponta a relevância do discurso Politicamente Correto em questões que abordam a violência de forma genérica como: “o que fazer diante de uma lei considerada injusta?” e “as leis existem para ser desobedecidas?” (PORTO, 1999, p. 134). Nas perguntas não foram citadas lei ou situação específica. As respostas indicavam a percepção de que leis, ainda que injustas, devem ser cumpridas e que não existem para ser desobedecidas, contrariando a realidade que a autora retrata como “jeitinho brasileiro”.

Os resultados obtidos nesse estudo identificaram que, em se tratando de temas controversos, existe a necessidade de delimitar melhor a formulação das questões, no intuito de obter mais clareza e fidedignidade nos posicionamentos dos respondentes.

### Conclusões

O estudo sugere que as questões fechadas de questionários podem ajudar o respondente a esconder opiniões consideradas contrárias ao senso comum e aos padrões vigentes de moralidade e ética. Para temas polêmicos, como aqueles que abordam o preconceito de qualquer natureza, a análise de discurso se mostrou especialmente significativa. Dessa forma, é recomendado que sejam utilizadas questões abertas complementares às questões fechadas, ou que a aplicação do questionário ocorra individualmente, em forma de conversa entre o pesquisador e o participante. A aplicação individual pode ser registrada em áudio ou com anotações complementares de forma que o contexto seja preservado, possibilitando a análise de discurso.

O estudo sugere que, além da discrepância detectada por Dinis; Cavalcanti (2008) entre respostas a questões fechadas e abertas, significativas diferenças nos resultados de pesquisas que abordam o preconceito podem ocorrer devido à mudança do grau de sensibilidade empregado na formulação das questões fechadas. Especificamente neste estudo, há uma tendência da última pergunta refletir melhor o discurso da amostra, com uma concordância condicional, amparada por uma maior expressividade da neutralidade. Conclui-se que perguntas que inserem o participante na situação investigada e o levam a avaliar a possibilidade de uma nova experiência com o objeto do preconceito tendem a retratar mais fielmente a realidade do que perguntas gerais, nas quais a preocupação com o uso do considerado Politicamente Correto é mais evidente.

Um dos limitadores do estudo foi o tamanho reduzido da amostra de justificativas às questões fechadas pois, a princípio, não se considerava que pudesse ocorrer discrepância significativa entre respostas objetivas e discursos dos participantes. Assim, as gravações das aplicações começaram a acontecer após alguns questionários já terem sido aplicados.

### Referências

- BORGES, L. C. *A busca do inencontrável: uma missão politicamente (in)correta*. Cadernos de Estudos Lingüísticos. [s.l.], v. 31, p. 109-125, jul/dez 1996.
- BUGENTAL, Daphne Blunt; HEHMAN, Jessica A. *Ageism: a review of research and policy implications*. In: *A Review of Research and Policy Implications*. Social Issues And Policy Review, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 173-216, 7 dez. 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1751-2409.2007.00007.x>.
- BUTLER, R. N. *Age-ism: Another Form of Bigotry*. *The Gerontologist*, [s.l.], v. 9, n. 41, p. 243-246, 1 dez. 1969. [http://dx.doi.org/10.1093/geront/9.4\\_part\\_1.243](http://dx.doi.org/10.1093/geront/9.4_part_1.243).
- BUTLER, R. N. *Ageism*. In: SCHULZ, R.; NOELKER, L. S.; ROCKWOOD, K.. *The Encyclopedia of Aging: A Comprehensive Resource in Gerontology and Geriatrics*. New York: Springer Publishing Company, 2006. p. 41-42.
- CASTELLI, Luigi; ZECCHINI, Alexia; DEAMICIS, Leyla; SHERMAN, Steven J. *The impact of implicit prejudice about the elderly on the reaction to stereotype confirmation and disconfirmation*. *Current Psychology*, [s.l.], v. 24, n. 2, p. 134-146, jun. 2005. <http://dx.doi.org/10.1007/s12144-005-1012-y>.
- CESARIO, Joseph; PLAKS, Jason E.; HIGGINS, E. *Tory. Automatic social behavior as motivated preparation to interact*. *Journal Of Personality And Social Psychology*, [s.l.], v. 90, n. 6, p. 893-910, 2006. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.90.6.893>.
- DASGUPTA, Nilanjana; GREENWALD, Anthony G. *On the malleability of automatic attitudes: combating automatic prejudice with images of admired and disliked individuals.. : Combating automatic prejudice with images of admired and disliked individuals..* *Journal Of Personality And Social Psychology*, [s.l.], v. 81, n. 5, p. 800-814, 2001. <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.81.5.800>.
- DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. *Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia*. *Pro-posições*, [s.l.], v. 19, n. 2, p.99-109, ago. 2008. <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-73072008000200008>.
- GIFFORD, Robert; STEG, Linda; RESER, Joseph. *Environmental Psychology*. In: MARTIN, Paul et al (Ed.). *IAAP Handbook of Applied Psychology*. Chichester: Blackwell Publishing, 2011. p. 440-470. Disponível em: < [https://books.google.com.br/books?id=XjC4z2NFOIYC&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=XjC4z2NFOIYC&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s) >. Acesso em: 15 mar. 2020.
- HARDILL, I. *The intergenerational help desk: Encouraging ICT use in older adults in England*. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 325- 415.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Ministério do Planejamento. IBGE Perfil das Cidades Pelotas/RS*. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 set. 2015.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). *Ministério do Planejamento. Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2018: Breve análise da evolução da mortalidade no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.
- JELENEC, P.; STEFFENS, M. C. *Implicit attitudes toward elderly women and men*.

*Current Research in Social Psychology*. [s.l.], v.7, n. 16, p. 275–293, 2002.

KIM, H. J. *Researching Indoor Public Space Attributes: Enhancing the Interaction between Older Adults and Children*. 2012, 201f. Tese (Doutorado em Design) - North Carolina State University. Raleigh, 2012.

LAYNE, M. R. *Supporting Intergenerational Interaction: Affordance of Urban Public Space*. 2009, 684f. Tese (Doutorado em Design) - North Carolina State University. Raleigh, 2009.

LEYSHON, Michael; TVERIN, Tea. *Bridging the generation gap: Holidays, memory and identity in the countryside*. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 127-140.

LIBARDONI, T. D. *Relações Intergeracionais & Espaços Públicos Urbanos: Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas*. 2018, 254f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2018.

LIBARDONI, T. D.; CHIARELLI, L. M. Á. *Active ageing and urban sociability: a study on older women*. In: JONES, M.; RICE, L.; MERAZ, F. *Designing for Health & Wellbeing: Home, City, Society*. Delaware: Vernon Press, 2019. Cap. 11. p. 219-233.

MATTOS, Amana Rocha. *Conflitos geracionais na escola: a produção das diferenças etárias em contextos hierarquizados*. *Rev. Psicologia Política*, São Paulo, v. 17, n. 40, p. 542-551, dez. 2017. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2017000300008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 abr. 2020.

MELVILLE, J.; HATTON-YEO, A. *Intergenerational shared spaces in the UK context*. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 50-64.

MODERNO, J. R. *Ontoestética do idoso*. In: [LEMONS, M. T. T. B.; ZAGAGLIA, R. A.]. *A arte de envelhecer: saúde, trabalho, afetividade, Estatuto do Idoso*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

MOSS, D. *Children's engagement with intergenerational war stories*. In: VANDERBECK, Robert; WORTH, Nancy (Ed.). *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 159- 172.

NAVARRO, Joel; ANDRADE, Francini; PAIVA, Tiago; SILVA, Diovana da; GESSINGER Cristiane F.; BÓS, Ângelo G. *Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem*. *Ciência & Saúde Coletiva*, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 461-470, fev. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/141381232015202.03.712014>.

OLIVEIRA, C. M. N. de. *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. 2011, 76f. Dissertação (Mestrado em Política Social) - Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Guia Global das Cidades Amigas das Pessoas Idosas*. Fundação Calouste Gulbenkian (Trad.). Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.

O'SULLIVAN, C.; MULGAN, G.; VASCONCELOS, D. *Innovating better ways of living in*

*later life: Context, Examples and Opportunities*. London: The Young Foundation, 2010.

PAPALIA, Diane. E.; FELDMAN, Ruth. D. *Desenvolvimento Humano*. MONTEIRO, C.; SILVA, M. de C. (Trad.). 12ª Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=I6Y5AgAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs\\_navlinks\\_s](https://books.google.com.br/books?id=I6Y5AgAAQBAJ&hl=pt-BR&source=gbs_navlinks_s)>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PEREIRA, G.; PORTELLA, A.; SOPEÑA, S.; CHIARELLI, L.; CORREA, C.; COSTA, T.; LIBARDONI, T.; MEDVEDOSKI, N.; WOOLRYCH, R.; SIXSMITH, J. *Projetando lugares com idosos: uma análise da produção acadêmica nacional*. *Pixo - Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*. Pelotas, v. 2, n. 4, p. 98-119, 23 abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.15210/pixo.v2i4.13091>.

PIASECKA-TILL, A. *PC and sexism related terms in Cobuild's Bank of English: a corpus study of meaning*. *Intercâmbio*. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem*. [s.l.], v. 8, out. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/intercambio/article/view/4051>>. Acesso em: 03 jul. 2019

PORTER, G.; HESLOP, A.; BIFANDIMU, F.; MWAMKINGA, E. S.; TEWODROS, A.; GORMAN, M. *Exploring intergenerationality and ageing in rural Kibaha, Tanzania: Methodological innovation through co-investigation with older people*. In: [VANDERBECK, R.; WORTH, N.]. *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015. p. 310-324.

PORTO, M. S. G. *A violência urbana e suas representações sociais: o caso do Distrito Federal*. *São Paulo em Perspectiva*, [s.l.], v. 13, n. 4, p.130-135, dez. 1999. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88391999000400014>.

POSSENTI, S. *A linguagem politicamente correta e a análise do discurso*. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p.125-142, 31 dez. 1995. <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.3.2.123-140>.

SOMMER, Robert; SOMMER, Barbara. *A practical guide to behavioral research: Tools and techniques*. 5ª Ed. Oxford: Oxford University Press, 2002.

UNITED NATIONS (UN). *Department of Economic and Social Affairs, Population Division*. *World Population Prospects 2019: Highlights*. NY: United Nations, 2019.

VANDERBECK, R.; WORTH, N. *Intergenerational Space*. Abingdon: Routledge, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Active Ageing: A Policy Framework*. Geneva: WHO, 2002.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. GONTIJO, S. (Trad.). Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.